

Dalila Lopes

Quando o Conselho Directivo muito amavelmente me dirigiu o convite para que desse esta aula, integrada nas comemorações do Dia do Instituto, a minha primeira preocupação foi pensar num tópico que pudesse interessar a todo o público aqui presente. Comecei então a pensar naquilo que nós, professores, alunos e funcionários, temos em comum, e, depois de alguma reflexão, pareceu-me que provavelmente o ponto comum que nos une – para além do facto de trabalharmos todos na mesma casa e para a mesma casa – é o uso da mesma língua.

Afigurou-se-me assim como tópico adequado a tratar nesta aula o uso da língua portuguesa, ou melhor dizendo, e para não sermos demasiado ambiciosos, alguns usos da língua portuguesa. Restava então pensar em como abordar este assunto. Lembrei-me então que muitas vezes ouço frases, quer de alunos, quer de professores, onde se exprime algo do género *Eu disse isto ou eu escrevi isto, mas não era bem isto que eu queria dizer, ou que eu queria escrever*. Este tipo de comentário, que é perfeitamente banal, acaba por encerrar uma temática linguística de monta, que é a das relações entre pensamento e linguagem ou linguagem e pensamento, uma temática que pode ser abordada de vários ângulos, e que ao fim e ao cabo interessa a todos. E interessa a todos porque todos somos utentes da língua portuguesa, quer como produtores quer como receptores e é por via do uso da nossa língua que temos que nos entender.

Franz Kafka escreveu um dia algo que pode ser traduzido como

O que eu digo é diferente do que eu penso,
o que eu faço é diferente do que eu digo
e tudo isso se passa na mais profunda obscuridade.

Estas palavras de Kafka não deverão de modo nenhum ser interpretadas como envolvendo qualquer hipocrisia do tipo *Penso uma coisa, digo outra e ainda por cima faço outra*. O que de facto Kafka aqui exprime é a dificuldade, por vezes enorme, em encontrar palavras ou frases que correspondam exactamente àquilo

¹ Aula Magistral proferida no ISCAP em 25 de Julho de 2003, por ocasião das comemorações do Dia do Instituto.

que pensamos e queremos dizer, e, na medida em que essa dificuldade existe, não é de admirar, portanto, que por vezes se faça algo que não corresponde àquilo que se disse, que, por sua vez, também já não correspondia àquilo que se pensou dizer.

Esta dificuldade em encontrar palavras ou frases que correspondam ao que de facto pensamos e queremos dizer está talvez mais explicitada no seguinte excerto de José Saramago.

[...] as próprias palavras, que não são coisas,
 que só as designam o melhor que podem,
 e designando as modelam,
 mesmo se exemplarmente serviram,
 supondo que tal pôde suceder em alguma ocasião,
 são milhões de vezes usadas
 e atiradas fora outras tantas,
 e depois nós, humildes, de rabo entre as pernas,
 [...] temos de ir buscá-las novamente,
 barro pisado que também elas são,
 amassado e mastigado, deglutido e restituído,
 o eterno retorno existe mesmo, sim senhor,
 mas não é esse, é este.
 José Saramago, *A Caverna*, p. 157

Neste excerto, não só está bem patente a dificuldade de qualquer falante em encontrar palavras ou frases que correspondam ao que de facto pensa ou quer dizer, como também está colocada uma outra questão que é a de a linguagem acabar por modelar a realidade. Não admira portanto que, uma vez encontradas por um falante as palavras que se lhe afiguram como certas para exprimir o que pretende, ainda assim possa ser interpretado de modo diferente pelo seu ouvinte ou leitor. E é para evitar que isto aconteça, que, quando escrevemos ou falamos, estamos constantemente a escolher palavras, que depois rejeitamos e que depois vamos buscar novamente, num eterno retorno, no dizer de Saramago.

A teoria do eterno retorno, a metempsicose dos seres de Pitágoras, que postulava que a alma de um corpo passaria para outro corpo, parece assim, para Saramago, ser menos importante do que o eterno retorno das palavras,

essas sim voltando constantemente em novas frases e novos contextos, palavras que, sendo embora em número finito, permitem que delas façamos uso infinito.

Mas deixemos por agora Kafka e a sua fantasmagoria, Pitágoras e a sua metempsicose, deixemos até mesmo Saramago e a sua suprema sabedoria e desçamos à terra, porque as questões linguísticas que aqui vamos abordar não se resolvem provavelmente por via das grandes teorias, mas mais por via de um voltar de atenção para usos reais da língua. Não estranhe o público aqui presente se eu seleccionar e comentar ocorrências que nada têm de erudito. A um linguista interessam muito mais usos da linguagem corrente, do dia a dia, do que excertos relativamente complexos como os atrás citados.

Diz um conhecido humorista português que a língua portuguesa é muito traiçoeira, o que não deixa de ser verdade, não só para a língua portuguesa como para todas as outras línguas. A questão que podemos colocar para já é a de saber se é a língua em si que é traiçoeira ou se traiçoeiros são os usos que dela fazemos.

Tomemos então frases e seqüências de frases como o exemplo [1] e vejamos se o que se diz corresponde ou não ao que se quer dizer.

[1] *Torres Vedras elimina no seu estádio o tetra campeão.*
(TVI, fim de semana 13-14/2/1999)

O que, de facto, o jornalista, autor deste excerto, queria dizer era que o tetra campeão fora eliminado, no seu próprio estádio, pelo Torres Vedras; o que na realidade disse é, no mínimo ambíguo, ou melhor, é exactamente o oposto do que pretendia dizer e do que realmente aconteceu. Neste exemplo, o determinante possessivo ‘seu’ aponta imediatamente para o antecedente mais próximo, ‘Torres Vedras’, o que nos levaria por conseguinte a concluir que o jogo e a eliminatória se realizou no estádio do Torres Vedras e não no estádio do tetra campeão, que foi o que na realidade aconteceu. E aqui está um exemplo muito simples que ilustra bem as palavras de Kafka, *o que digo é diferente do que penso ...*

Se o excerto [1] encerra um caso de ambiguidade, ou na minha opinião, de uma imprecisão que leva a um enunciado falso, vejamos o excerto [2], que ocorre frequentemente em ementas de restaurante:

[2] *Filetes de Polvo com Arroz do mesmo*
(Ementa Pousada Santa Marinha 19/5/02)

Cabe aqui perguntar *Como é que sabem que é do mesmo? Será que só há um polvo na cozinha?*

Seguramente que não, mas o que de facto se diz por via do demonstrativo ‘o mesmo’ implica a existência de apenas um polvo. Este uso de ‘o mesmo’ nesta ocorrência e em outras análogas, parece resultar de uma preocupação estilística, que é a de evitar a repetição de termos idênticos no co-texto próximo, i.e., para o autor desta ementa parecia feio, em termos de estilo, designar o prato como *Filetes de polvo com arroz de polvo*. Esta preocupação de evitar a repetição de termos idênticos no co-texto próximo revela-se, ao contrário do que poderíamos esperar, não tanto em grandes autores, mas em linguagem do dia a dia, quando se pretende revelar alguma erudição, como se pode ver também no excerto [3],

[3] *"Como é que a cozinha começou a arder?"*

"Deve ter sido por deflagração do óleo na mesma."

(Entrevista com bombeiro, TVI, 9/1/02, 20h)

onde se recorre de novo ao demonstrativo para evitar a repetição do termo ‘cozinha’, o que, na minha opinião, seria perfeitamente aceitável.

Por estes exemplos podemos ver que preocupações de estilo não são apanágio apenas de autores de textos literários; esses, regra geral, não se importam de repetir termos idênticos no co-texto próximo; pelo contrário, preferem fazê-lo, quer em prol da clareza do texto, quer até como recurso estilístico.

Interessante é também reparar como por vezes se diz exactamente o contrário do que se pretende dizer, provavelmente não por falta de conhecimentos linguísticos, mas por falta ou erro de conhecimento de outras áreas do saber. Vejamos o exemplo [4]

[4] *O Governo deu uma volta de 360 graus e mudou completamente de posição em relação a ...*

[Comentário de um conhecido analista político

(propositadamente não identificado e sem data)]

Cabe aqui referir que, se o Governo deu uma volta de 360 graus, ficou exactamente na mesma posição em que estava. O que o conhecido comentador político pretendia dizer era com certeza que o Governo deu uma volta de 180 graus, e aí sim, o enunciado seria coerente.

Mas deixemos agora estas questões relacionadas com ambiguidades e imprecisões e passemos a uma questão que se me afigura bem mais grave que é a do etnocentrismo de que está eivada a nossa linguagem do dia a dia.

Sem que disso demos conta estamos constantemente a usar expressões ou frases do tipo

[5] *livro negro do fascismo*
uma página negra / um período negro da história
está na lista negra
a ovelha negra da família
etc...

Caberá aqui perguntar, por exemplo, por que razão, sendo o fascismo uma ideologia de brancos, se designa como livro negro do fascismo aquele onde se registam as suas atrocidades. Quanto à expressão *a ovelha negra da família*, poder-se-ia argumentar que sendo as ovelhas normalmente brancas, a ovelha negra designaria metaforicamente o elemento que se distingue do considerado normal. Mas a questão está em que expressões como *a ovelha negra da família* designam um elemento que se distingue não positivamente mas negativamente. E a conotação negativa do adjectivo ‘negro’ está patente em todos estes exemplos. O adjectivo ‘branco’, por seu turno, figura num sem número de expressões com conotação positiva: o ‘branco’ é bom porque etnicamente, para nós, o ocidente é o centro, e tudo o resto é periferia. Num breve aparte, conviria aqui também fazer uma certa precisão, e para tal, lembraria um comentário de um norte-africano, egípcio, que, conversando com um grupo de ocidentais, ‘brancos’, disse, em inglês, algo que poderíamos traduzir como: Não sei por que é que vocês têm a mania de dizer que são brancos. Vocês não são brancos. Vocês são cor de rosa.

O etnocentrismo não se manifesta na língua e nos usos da língua apenas na dicotomia branco-negro. Manifesta-se também em expressões do tipo

[6] *estar a leste de ...*

no sentido de desconhecer, ou não estar a par de determinado assunto. Caberá aqui de novo perguntar por que dizemos *estar a leste de ...* e não *estar a oeste de ...* Talvez cada um de nós possa pensar um pouco nas razões subjacentes ao uso de ‘estar a leste de’ e não ‘estar a oeste de’.

Falámos do etnocentrismo em termos de cor da pele, falámos do etnocentrismo em termos da Europa entendida como centro do mundo, mas

podemos ainda falar do etnocentrismo visto dentro do nosso próprio país. E aí abundam exemplos de usos da língua em que se comprova que *Portugal é Lisboa; o resto é paisagem*. Basta atentar em qualquer noticiário televisivo. Fala-se, por exemplo, de um acidente ocorrido no Marquês de Pombal e de certeza que se trata da Praça Marquês de Pombal em Lisboa, embora também haja uma Praça Marquês de Pombal no Porto. Se nada mais se especificar quanto à localização a Praça Marquês de Pombal é a Praça Marquês de Pombal em Lisboa, ponto final. Fala-se, por exemplo, da Feira do Livro e, se nada mais se especificar quanto à localização, a Feira do Livro é a Feira do Livro de Lisboa, embora também haja feiras do livro um pouco por todo o país, nomeadamente no Porto e em data e período idêntico.

Chega-se mesmo a partir deste etnocentrismo em programas dirigidos a um público infantil. Num noticiário dedicado a crianças que era transmitido há algum tempo atrás pela RTP, dava o jornalista notícia de um determinado espectáculo para crianças que tinha lugar no Estoril, e se iniciaria dentro de meia hora. O jornalista, dirigindo-se ao seu público infantil, dizia então:

[7] *Peçam aos vossos pais que vos levem ao espectáculo. Chegam lá em 20 minutos.*
(RTP, *Jornalinho*)

Podemos imaginar as crianças, por exemplo, de Brgança, insistindo com os pais para que as levem ao espectáculo no Estoril. É que se chega lá em 20 minutos.

Penso que estes exemplos são suficientes para retomarmos a questão inicial da relação entre linguagem e pensamento. Podemos agora talvez ver, através dos exemplos de [1] a [4], que muitas vezes o que se diz é diferente do que se pensa, mas, ao mesmo tempo, podemos também ver, através dos exemplos de [5] a [7], que muitas vezes o que se diz corresponde exactamente ao que se pensa, embora disso não tenhamos consciência.

A verdade é que tanto a própria língua, como o uso que dela fazemos, está profundamente dependente de conceitos e preconceitos de natureza cultural, e nós, utentes da língua, não só não temos, no geral, consciência desse facto, como, ao mesmo tempo, estamos presos a essa teia de conceitos e preconceitos, e a verdade é que, sem ela, acabamos por ficar desprovidos de muitos mecanismos que nos permitem interpretar frases que ocorrem a qualquer momento no dia a dia.

Perante enunciados como [8] e [9],

[8] *O polícia bateu no suspeito porque era judeu.*

[9] *O polícia bateu no suspeito porque era árabe.*

teremos necessariamente diferentes interpretações. Se [8] e [9] forem frases pronunciadas por um palestiniano, o sujeito (elíptico) da 2ª oração será necessariamente diferente: em [8], o sujeito (elíptico) da 2ª oração será *o polícia*, em [9], o sujeito (elíptico) da 2ª oração será *o suspeito*. Estas mesmas frases terão interpretações totalmente opostas se forem pronunciadas por israelitas; i.e., neste caso, em [8], o sujeito elíptico da 2ª oração será *o suspeito* e em [9] *o polícia*.

Estes exemplos parecem assim provar que, por um lado, somos muitas vezes traídos pelas nossas próprias palavras, e, nesse caso, de facto o que se diz é diferente do que se pensa; por outro lado, somos também obrigados a concluir que, muitas vezes, o que dizemos corresponde exactamente àquilo que pensamos, mas não queremos admitir, e, nesse caso, não somos traídos pelas nossas próprias palavras, mas antes pelo nosso próprio pensamento.